



GT 005. Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência

Martina Ahlert (Universidade Federal do Maranhão) - Coordenador/a, João Frederico Rickli (UFPR) - Coordenador/a

Diversas pesquisas em antropologia têm se interessado pelos modos como as pessoas mobilizam agências materiais e espirituais em situações de lutas, disputas e construções identitárias. Entidades como encantados, espíritos, fantasmas, demônios, o próprio Espírito Santo, entre outras; e objetos "animados" como imagens, amuletos, fotografias e a Bíblia, por exemplo, podem participar do dia a dia das pessoas em diferentes contextos. Essas agências não estão limitadas a planos extraordinários, circunscritos aos domínios do explicitamente religioso. Antes, elas permeiam escolhas, decisões e atitudes cotidianas em relação aos mais diversos temas, e seus efeitos se materializam de formas variadas na experiência. Essas situações e ações apontam em direção à não exclusividade humana nos modos de viver, de dar forma e sentido à existência. Este Grupo de Trabalho pretende reunir etnografias e pesquisas de caráter etnográfico em arquivos que abordem essas experiências e a produção de narrativas a elas vinculadas. De um ponto de vista teórico, interessam-nos três pontos, sobretudo: em primeiro lugar, a análise das disputas e controvérsias em torno da legitimidade e autenticidade dessas narrativas e experiências. Em segundo, a questão da coexistência e coabitação no mundo, que questiona leituras lineares sobre o tempo e a história. Finalmente, a análise de situações em que as fronteiras e limites daquilo que se caracteriza como religioso são desafiados pelos próprios dados etnográficos.

Presente na caminhada?. Notas sobre a transformação de lideranças assassinadas em mártires e encantados

Autoria: Edimilson Rodrigues de Souza

A proposta desta comunicação é problematizar a transformação ritual de lideranças indígenas e camponesas assassinadas em zonas de intenso conflito fundiário em mártires da terra e encantados, a partir de dois casos etnográficos: Xicão Xukuru, no agreste do Pernambuco, e Dorothy Stang, no oeste do Pará. Meu objetivo é demonstrar como a celebração do martírio e encantamento destas duas lideranças mortas, através da realização de romarias e assembleias anuais que rememoram suas trajetórias e atuação junto a grupos de camponeses e indígenas, é motivo para reunir ativistas políticos e membros de movimentos sociais. Ao refazer o caminho dos mártires e encantados nos locais dos assassinatos e sepultamento, estes grupos modificam sistemas simbólicos, quando reafirmam, por exemplo, que os líderes mortos "continuam vivos e presentes na caminhada", foram "plantados como sementes" ou que "seu sangue fortalece a luta pela terra". O ato narrativo e a caminhada sugerem a modificação do estatuto da vida e da morte (traduzida em violência) ao recolocar o líder martirizado e encantado no centro dos enfrentamentos cotidianos por direitos humanos descritos como fundamentais: terra, água, floresta e vida. A partir de narrativas orais (cantos, falas) e visuais (fotografias, objetos pessoais, painéis, camisetas, entre outros) estes grupos trazem à tona a dimensão criativa e reivindicativa destas romarias e assembleias, que homenageiam suas lideranças assassinadas, e transformam mártires e encantados em operadores das relações entre pessoas e mundos.



Realização:



Apoio:



Organização:

